

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

HELOÍSA LAZARETTI FERNANDES

NARRATIVAS DE INCÔMODO: Ensaio teórico/artístico sobre a relação das mulheres e pessoas LGBTQIAP+ com o espaço público.

Orientador Dr. Rodrigo Gonçalves dos Santos

Florianópolis - SC
Julho 2022

Dedico este trabalho a minha mãe, meu pai e minha irmã, pois sem eles nem teria conseguido entrar nesta Universidade Federal, mas além disso, sem eles eu já teria sucumbido aos desejos suicidas, e desistido de viver nesse mundo sendo mulher.

A minha amiga e ex-namorada Guilhermina, que me apoiou durante os momentos mais difíceis, me ajudou com as referências de sua biblioteca, e sempre esteve ao meu lado me inspirando com sua trajetória de luta e militância.

Ao professor José Ripper Kós, que não me deixou desistir do curso, sempre em contato com a minha família, me apoiou e ajudou para meu retorno à Universidade.

Florianópolis, 11 de Julho de 2022.
Rua Anita Garibaldi.

A quem possa interessar,

Este documento é um ensaio teórico/artístico sobre a relação das mulheres e pessoas LGBTQIAP+ com a rua. Este documento é uma carta ao leitor. Como anexos, apresento um arquivo com os caderninhos em tamanho original, os quais contêm desenhos de escuta e de permanência, realizados durante derivas pelo Centro de Florianópolis. Essas derivas aconteceram no período da manhã e da noite, e estão espacializadas em um mapa “por onde andei”. Percebi que eu gostava de dar a volta ao Centro, saindo da minha casa na Anita Garibaldi, tentando passar por ruas que eu não tinha passado antes. Os anexos serão apresentados em um painel impresso para a banca final, mas estarão em tamanho reduzido pois seria inviável imprimir todo o material em escala real. Escrevi sobre alguns desses desenhos, os quais estão referenciados nesta carta através de numeração do caderno e página. Optei por não apresentar o desenho individualmente no meio desta carta pois acredito que é uma perda muito grande analisar o desenho fora do seu contexto do caderninho. Ainda mais que na pré-banca já fizemos isso. Caso necessário, os caderninhos estão numerados e com suas páginas numeradas. Grifos da autora.

O título deste TCC vem de Djamila Ribeiro:

“Romper silêncios é o primeiro passo para a cura
Quanto tempo você não escuta o som da própria voz?
Por medo de incomodar, a gente cala as justiças
Mas dá pra promover mudanças no conforto?
Assumimos, então, que trazemos **NARRATIVAS DE INCÔMODO**
Queremos que nossas palavras cortem como navalha a sua indiferença
Deixe a sua consciência intranquila, cause conflitos e tempestades
Eparrei!

Desconforto é incômodo necessário

O som das nossas rimas vai perturbar o teu sono
Desestabilizar a sua calma
E ao mesmo tempo mostrar a nós a força da quebra
A felicidade de se autodefinir
Sim, vou olhar para mim
E desta vez vou gostar do que eu vejo
E direi para mim o quanto eu sou incrível
Vou falar, gritar e me emocionar quando enxergar Dandara em mim
E essa voz vai ser coletiva, vai ultrapassar fronteiras, tirar a venda dos meus olhos
Conceição Evaristo um dia disse: ‘Nossa voz estilhaça a máscara do silêncio’
Então fale, destranque, deságue
Dá medo, eu sei, mas fale
Às vezes a gente acha que o muro é muito alto
Mas pule, garota
Você não vai nem arranhar os joelhos”

Trecho da música “Manifesto/Pule, Garota”

Acho importante dizer que este é um TCC de uma pessoa depressiva. Depressiva, não. Bipolar Tipo II, o que quer dizer que tenho recorrentes crises de depressão profunda. Estou a maior parte do tempo depressiva. Não sei como vou conseguir memorizar tudo que está neste documento, tudo que já li, escrevi, tudo que já copiei, sublinhei, resumi, destaquei. Não vou. A depressão consome meus dias, me deixa sem energia pra fazer as coisas mais básicas do dia-a-dia, como me alimentar, tomar banho, sair de casa, cuidar da minha cachorrinha... Não seria diferente com este trabalho. Faço o meu máximo, mas sinto que estou sempre em dívida com a academia, com a produtividade, com os prazos. O que posso dizer é que dei o meu melhor, dentro das condições possíveis, do meu tempo disponível e da minha saúde.

Há alguns anos sofri uma violência sexual num dia qualquer, saindo da aula de Urbanismo V, no estacionamento da Arquitetura na UFSC. Isso é algo que carrego comigo até hoje. E um dos motivos pelo qual é difícil esquecer é que não consigo andar na rua sem ser assediada. Acontece o tempo todo, e isso funciona como gatilho para os meus traumas, alimentando minha depressão.

Perdi as contas de quantas vezes ouvi “tem que superar, e pronto”. Uma vez de uma professora. Outra vez de um chefe, homem cis-hétero branco, que me falou que sabia o que era depressão pois tinha perdido um sobrinho... Ele afirmou que o que aconteceu comigo não era motivo para ficar tanto tempo depressiva.

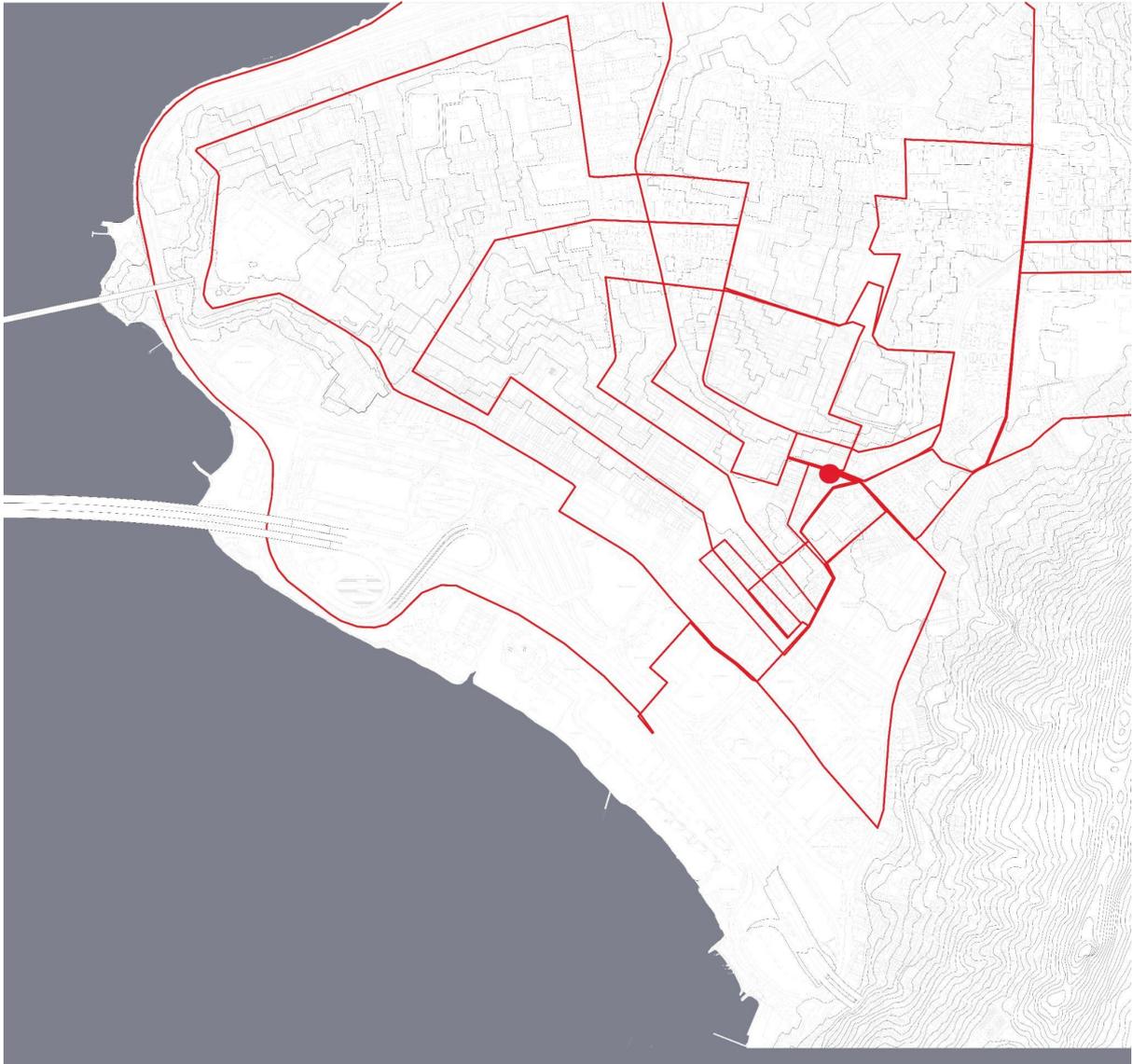
Este TCC surge da vontade de continuar o trabalho realizado na disciplina de Ateliê Livre - Processos Artísticos. A partir de uma deriva pelo centro da cidade, surgiram alguns questionamentos sobre gênero e espaço público. Afinal, a rua é do homem cis-hétero? As mulheres ficam restringidas ao espaço privado, o espaço destinado aos serviços domésticos e a extensão dele, como por exemplo, padarias, supermercados, creches, escolas, farmácias? Aos homens fica permitido estar na rua simplesmente por estar, não importa o motivo. Já as mulheres, não conseguem andar na rua sem ser assediadas, importunadas, abordadas...

“A representação histórica - por meio da pintura - e a contemporânea - por meio da publicidade - situam os **espaços atribuídos a cada gênero**: a rua para os homens; a rua e o interior controlados para as mulheres.” (MUXI, 2014, p. 198)

“... a cidade reproduz uma divisão dada por natural. Existe uma 'fora' e um 'dentro'. O fora da cidade é o espaço dos homens. Com o espaço de dentro, o lar, julga-se que as mulheres tenham segurança.” (ENGEU, 1974) Esse 'dentro' significa mais do que o espaço da casa. Ele é também o espaço da economia doméstica, destinado às mulheres na cidade. Aquele, no interior do qual se realizam trabalhos domésticos: a casa e sua extensão econômica, conceituada por nós como **lar expandido**. (...) Isoladas no espaço privado do lar ou à sua extensão pública (o posto de saúde, a farmácia, o hospital, a loja, o supermercado, a feira, o açougue, a padaria, a escola, o parque, etc.), as mulheres travam uma luta incessante contra o relógio, tentando administrar sua vida cotidiana. (CALIÓ, 1991, p. 97)

Enquanto me preparava para a minha primeira deriva, mais do que pensar sobre o que eu queria levar, pensei muito sobre o que vestir. Não queria estar “bonita”, pensava que meu corpo não deveria estar “aparente”, concluí que a roupa mais “segura” que eu poderia usar seria algo no qual eu não estivesse performando feminilidade... Isso porque devido às minhas experiências anteriores, sabia que o comportamento dos homens na rua costuma ser muito invasivo, e eu gostaria de me proteger disso, o máximo possível.

O conceito de **deriva** está indissolivelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio. Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar. (Debord, 2003c, original de 1956, apud Jacques, 2021. p. 181)



Mapa do Centro de Florianópolis com as deriva indicadas em vermelho, partindo e voltando para minha casa, indicada com círculo vermelho - sem escala. Mapa base: arquivo em Cad fornecido pelo professor Alcmir na disciplina de P7.

O mapa acima foi construído a partir da minha memória. Me arrependo de não ter utilizado um aplicativo para registrar os caminhos que percorri. Os caminhos foram escolhidos ao acaso, mas como o objetivo era estudar o Centro, eu sentia que deveria circular a maior área possível, e conhecer o maior número de ruas possível, saindo da minha casa (círculo em vermelho), e “dando a volta” pelo centro. Eu sinalizo essas “circuladas” que eu dei, não quer dizer que não desviei dessas rotas. Os caminhos marcados no mapa são os que consigo lembrar de ter feito, ou (pocas vezes) que cheguei em casa e marquei no mapa logo após a deriva.

Ao sair para minha primeira deriva, queria me “proteger”, queria me blindar desses incômodos, mas isso não foi possível. Logo no começo percebi que os homens não me permitiam estar ali na rua, fazendo nada, observando o entorno, que sempre aparecia um cara para mexer comigo... Assobios, comentários, cantadas, xingamentos... Quando me

atrevi a parar pra desenhar, logo fui importunada, e decidi que não faria mais isso durante aquela deriva... Passando pela rua Felipe Schmidt, um cara me falou algo que eu nem entendi, e como o ignorei, começou a me xingar, e me chamou, entre outras coisas, de “feia abusada”. Como eu poderia ousar ignorar sua investida, não é mesmo? Outro xingamento que ouvi foi de “sapatão”. Não que eu considere sapatão como um xingamento, mas da forma como veio, o foi: “ah! vai tomar no cu, sua sapatão!”. Foi outro cara que eu tinha simplesmente ignorado.

Voltei da primeira deriva me sentindo derrotada por eles, “os caras” da rua. Fiquei refletindo sobre o quanto isso me tirava o direito de ir e vir, e isso significava que eles, “os caras” eram os “donos da rua”. Não consegui curtir a deriva, não consegui desenhar ou anotar o que eu tive vontade, não consegui relaxar.

Gill VALENTINE (1989) fala sobre a **culpabilização das mulheres vítimas de violência**, afinal, o que estaria aquela mulher fazendo sozinha naquele lugar, naquele horário? Algo que pessoalmente também sofri. Após sofrer a violência sexual no campus desta universidade, diversas vezes fui indagada sobre o porquê de estar sozinha no estacionamento à noite, ou até mesmo sobre minha vestimenta, no caso, uma saia... Para Valentine, **o uso do espaço pelas mulheres é diretamente influenciado pelo medo** de violências de gênero, por isso as mulheres escolhem caminhos e rotas, bem como horários específicos, a fim de se manterem salvas. Após suas experiências traumáticas, ou mesmo relatos de outras mulheres, elas acabam criando mapas mentais desses “lugares perigosos”, os quais devem evitar de frequentar, criando assim, uma geografia do medo na cidade. Valentine fala, ainda, que as mulheres nos espaços públicos, ao contrário dos homens, têm seu **espaço pessoal frequentemente invadido** por cantadas, assobios, comentários e agressões físicas por parte de homens estranhos. Essa impossibilidade de decidir com quem interagir e se comunicar afeta profundamente o senso de segurança das mulheres em espaços públicos.

Lembrei, então, de um curso que eu fiz com as mulheres do escritório de arquitetura “**Bloco B**”, onde elas perguntaram para o grupo de mulheres: “**O que você sente no espaço público?**”, e as respostas que mais me marcaram foram: constantemente observada; insegura; sempre atenta; me sinto invadida; a rua é um lugar de passagem onde não quero ficar; hostilidade; me sinto vulnerável; assediada; intimidada; a cidade é pensada para o viés masculino; sensação de não pertencimento... Me identifiquei muito com essas respostas. Mas além dessas, surgiu outro grupo de respostas que me tocou muito: ocupar; lutar; a rua é onde quero estar; sobrevivência; estratégias para estar no ambiente. Lembrando desse segundo grupo, senti a urgência de voltar pra rua, e resistir naquele espaço. Continuei com a prática das derivas, e segui com essa mesma pergunta. Queria saber de outras mulheres e minorias, como é estar no espaço público. Quanto mais eu falava sobre isso, percebia que o incômodo não era só meu, que não era apenas reflexo dos meus traumas, e sim, trata-se de um problema coletivo, sobre o qual precisamos debater enquanto sociedade, ainda mais dentro da universidade pública. Este TCC se coloca no lugar da escuta, do sentir, e também busca formas de resistir e permanecer no espaço público, mesmo sendo tão violento.

Abro meu celular,

“Uma mulher foi estuprada, em média, a cada dez minutos no Brasil em 2021, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

O Brasil registrou 56.098 estupros de mulheres ao longo de 2021, de acordo com dados divulgados nesta segunda-feira, 7, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O número do ano passado é 3,7% maior em relação ao ano anterior e equivale a um caso a cada dez minutos no País.

Nove mulheres são estupradas por dia em SC, aponta levantamento.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que 3.298 casos de estupro e de estupro de vulnerável foram registrados no Estado no último ano.

A cada dia, nove mulheres foram vítimas de estupro em Santa Catarina em 2021. É o que apontam os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública sobre Violência contra a Mulher no Brasil, divulgados esta semana. Só no ano passado, 3.298 casos de estupro e estupro de vulnerável foram registrados no Estado.

Nas ruas, em casa ou até dentro de um relacionamento. O estupro é um crime silencioso e que deixa marcas permanentes nas vítimas. Mas, em alguns casos, a subnotificação ainda ocorre, o que dificulta o acesso da polícia às vítimas. A questão cultural é um dos motivos para a falta de denúncias.

Por isso convidamos a todas a se juntarem a Frente Feminista do 8M-SC para esta formação e assim juntas combatermos essa violência voltada aos nossos corpos.” (Instagram do @8mbrasilsc)

Cada frase que eu consigo escrever já é uma conquista, quem dirá conseguir ir a um encontro presencial como este do 8M, à noite. Sair na rua é muito difícil pra mim. Tenho crises de pânico, passo mal, penso em desistir. Por isso, valorizo muito cada página de caderno que foi preenchida na rua. Sempre que eu saía em deriva, levava um **pequeno caderno tamanho A6**. Queria registrar o que eu escutava, minhas afetações, meus sentimentos.

Aos poucos, fui me soltando e criando coragem para abordar outras pessoas. Mas eu não abordava qualquer pessoa. Eu tinha interesse em escutar as mulheres e outras minorias, todes exceto os homens cis-hétero. Não tive estômago para realizar o exercício da escuta com eles, os agentes das violências.

Dessas interações com as pessoas na rua, surgem **desenhos de entrevista/escuta**, nos quais eu registrava os relatos das pessoas. Um exercício que se repetiu diversas vezes foi desenhar, sem olhar para o papel, me concentrando em olhar nos olhos da pessoa, o que produzia um desenho surpresa para mim e para ela. Anotei algumas frases, mas não queria gastar mais tempo anotando, do que escutando e dando atenção para as pessoas. O objetivo não era o produto final na forma de um desenho bonito, mas sim o exercício da escuta e estar presente para ouvir os relatos e sentimentos que as pessoas conseguiam

compartilhar comigo. Os nomes com “*” foram trocados para preservar a identidade da pessoa entrevistada. Os demais assinaram autorização para utilização do nome e imagem.

Conheci **Eli** vendendo acarajé junto à Bodega La Kahlo, na avenida Hercílio Luz. “Esse acarajé alimenta uma comunidade”. Eli é a matriarca. Conversamos sobre meus desenhos, a violência sexual que sofri, o tema deste TCC... Ela me falou, então, que era muito emocionante ouvir meu relato pois a história da família dela era muito marcada por violências, e que eu precisava ouvir o álbum “Retrato Falado” e ler o TCC de sua filha, Dandara Manoela. Eu já conhecia Dandara de nome, já tinha ouvido algumas músicas dela, já tinha assistido ao clipe “Pretas Yabás”, sabia cantar alguns trechos de músicas, mas não conhecia a música “Retrato Falado”. (Caderninho 3, pág. 29)

Acho pertinente citar aqui, caso alguém não conheça:

 [Dandara Manoela - Retrato Falado | Sofar Curitiba](#)

“Dona Preta, minha avó, resolvi cantar,
suas histórias, suas memórias, seu penar
Tantos planos, desenganos, tanta dor
Solidão, viver, crescer, sem ter amor
Ela apanhava tanto até a alma sangrar, mulher
e a menina filha, vó, debaixo da mesa, observava o derramar
escondida, encolhida, com coberta de sangue, tremia de medo
acompanhada da sua pouca idade, teve parte da vida um segredo,
Tantos tapas, tantos gritos, tantas noites, tanto dor
Até que um dia a menina filha, resolveu falar,
foi na delegacia, foi lá denunciar
e aí, te tacaram numa cela, tiraram sua roupa e seu valor
e a menina sangrou na pele tudo que lhe restava de amor
a prenderam a força, contra a parede, contra moral,
e do dia pra noite, a menina filha, ficou grávida, grávida do policial
Então, foi menina de vez, mulher, chorando perdida entre valas e vielas,
e a cada esquina que passava, sua sanidade pingava em gotas no chão
que aos poucos formavam um rio de perigo
sujando o caminho sem proteção
Perambulava sozinha, de um canto pro outro, pra lá e pra cá
e a cidade de pau sujo, tinha coragem do seu corpo cobiçar
Filha do crime perfeito, a criança nasceu, mãe
E a menina filha teve que entregar
não tinha como cuidar, mas é abandono, é absurdo, transtorno
te julgaram, te cuspiram, te pisaram
e debaixo da mesa, observava o derramar
entre o hospício e o precipício foi crescendo,

em meio ao ódio e o doce rebelde viver,
sem entender a desordem de cada amanhecer
Engravidou de mim e quis abortar a missão
de mais uma geração mulher, que sofre o abuso da solidão”.
(Letra da música Retrato Falado)

Foi muito emocionante ouvir essa música, o álbum todo, mas em especial essa música. Chorei muito, por vários dias. Li o TCC de Dandara, chorei muito. Encontrei novamente Eli na Hercílio Luz, nos abraçamos e chorei novamente. Até hoje choro quando encontro Eli pelo Centro com seu acarajé. Foi um privilégio conhecer Eli, ela me inspira muito. Certa vez me falou que estar na rua a fortalece, achei tão forte isso... Basta passar um tempinho na banca de acarajé, que já vemos o quanto Eli é amada por todos, e o quanto ela se importa com todos que passam por ali.

Dandara Manoela construiu seu TCC a partir dessa música, trazendo sua história pessoal, e puxando para a coletividade, problematizando o papel da mulher negra na nossa sociedade. Assim como Dandara, provooco a **academia para questionar as mazelas da sociedade**. Onde questionar, movimentar, pensar criticamente é tarefa acadêmica/profissional que levo para vida. Assim como ela, também vejo a **arte** como uma potência transformadora em muitos aspectos... No **impacto que ela tem na sociedade**, como desabafo, expressão do que se pensa, ou do que se vive em determinados espaços, também como denúncia e intervenção, e como forma de trazer outras pessoas para o debate e reflexão, produzindo mudanças no pensamento e nas atitudes.

Dandara cita Lélia Gonzalez (1984) e Ângela Davis (2016):

“A mulher negra é vista de três formas: Mulata, doméstica e mãe Preta. Ou seja, as versões de mulheres que existem para servir, para o trabalho que ninguém quer fazer, para satisfazer os desejos sexuais do opressor ou para ser aquela que cuida, mas que não é cuidada, não é vista. Seria um erro interpretar o **padrão de estupros instituído durante a escravidão** como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista” (Gonzalez, 1984).

“O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros”. (DAVIS, 2016, p. 36)

Citando novamente Gonzales, quando fala sobre a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles:

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão. (Gonzalez, 1984)

Regiane* se interessou pelos meus desenhos. Comecei a abordagem mostrando algumas impressões de desenhos antigos. Persistindo na prática das derivas, percebi que essa estratégia abria conversas com mais facilidade. São desenhos com os quais já participei de feiras de impressões e feiras de rua. São frutos de uma época de muita confusão mental e depressão. Utilizei a arte como ferramenta para permanecer na rua quando tinha crises de pânico. Carregava sempre um caderninho comigo, e desenhava de rabiscos a retratos, sempre que precisava me acalmar. Alguns desses desenhos marcaram muito minha trajetória, e acabaram virando prints e zines. São autorretratos sobre saúde mental e violência sexual.

Regiane* se identificou com o sofrimento retratado ali, e sentamos para conversar. Quando era adolescente, ela foi acompanhar a mãe no trabalho de doméstica, e lá foi perseguida por um homem nu. Ele era patrão da mãe. “Eu não tinha nem 15 anos”. Quando perguntei como ela se sente no espaço público, ela relatou que não gosta de andar na rua. Sente medo de andar sozinha. Escolhe cuidadosamente cada trajeto. Se sente sempre invadida. Citou a presença constante de olhares invasivos e palavras sujas. Ela sente muito medo ao cruzar por um grupo de vários homens juntos. Me identifiquei muito com esses medos e incômodos. (Caderninho 3, pág. 27)

Priscila* começou a chorar lendo a minha zine. Saiu de perto de mim. Depois voltou, e me abraçou. Relatou que também sofreu uma violência sexual, quando era adolescente, voltando da escola. Usava uniforme escolar. Chegou em casa machucada e chorando, encontrou o pai, e contou o ocorrido. O pai deu uma surra nela naquele mesmo instante, e disse que o ocorrido era culpa dela, pois se o cara a estuprou, é porque ela provocou. Ela me disse que conseguiu perdoar o pai, e hoje tem uma boa relação com ele. Segundo ela, o pai é pastor de igreja evangélica, e tem opiniões muito machistas, as quais ele espalha para os fiéis nos momentos de culto. Não consegui desenhar nada na presença dela. Fiquei muito emocionada com o seu relato, e não consegui segurar meu choro.

Paula* é uma mulher trans cujo relato me deixou muito chocada. Eu, no meu lugar de mulher cis, nunca pensei que alguém pudesse se sentir daquela forma. Também iniciamos a conversa através dos meus desenhos, e sentamos para conversar. Ela relatou que também já foi estuprada, e ainda se sentia muito traumatizada. Choramos, e concordamos que essa é uma dor que talvez a gente nunca consiga esquecer. Eu relatei que os assédios que sofro ao andar na rua funcionam como gatilhos para meus traumas... Minha surpresa veio ao perguntar como ela se sente no espaço público, e ela me explicou que os assédios dos homens não significam o mesmo que significam pra mim. Para ela, são como uma validação da sua feminilidade, e ela não se sente invadida e com medo. Ela se sente mulher. Para ela, a maior violência que ela sofre na rua é quando as pessoas a tratam no pronome masculino, mesmo que ela esteja usando um vestido, salto alto, maquiagem e acessórios femininos... (Caderninho 3, pág. 26)

Leandro* relatou que sente muito mais medo de andar na rua depois da eleição de 2018. Ele lembra com tristeza do período que antecedia o resultado da eleição, quando andava na rua e foi abordado por um homofóbico que falou “Vai morrer, bichinha! Agora vai começar a caça às bichas. É Bolsonaro!!!”. Leandro comentou: “Ele não tinha nem sido eleito, ainda”. Mas Leandro reforça que não devemos voltar para o armário, e sim nos organizar politicamente e estar preparados para lutar pelo nosso direito de ser e amar quem a gente quiser. “Não passarão”. Eu e Leandro sentamos lado a lado para conversar, e o desenho produzido não é uma ilustração do rosto de Leandro, mas sim de um boy que estava em frente ao nosso banco, o qual Leandro achou muito “gatinho”. (Caderninho 3, pág. 19)

Raquel* me contou que, por ser uma mulher que não performa feminilidade, escuta muitos insultos lesbofóbicos andando na rua. Já foi agredida mais de uma vez, e o discurso foi o mesmo: “Quer se vestir que nem homem, vai apanhar que nem homem”. Assim como Leandro, Carmel me convidou a sentar do seu lado. Então o desenho produzido foi a partir da observação de um cara que estava olhando fixamente para nós. (Caderninho 3, pág. 16)

Teve uma ocasião em que a pessoa não gostou do desenho produzido, e me falou que esperava um desenho em que ela “ficasse mais bonita”. **Bianca*** é uma mulher trans, na casa dos 40 anos, desempregada, que mora com os pais e sofre muitas violências do pai e dos irmãos. A única pessoa que a aceita, respeita e protege é a mãe. Ela relatou que planeja muito as roupas que vai usar para sair de casa, pois não pode performar feminilidade em frente aos homens da família. Geralmente usa casacos compridos, sob os quais ela consegue esconder saias e shorts curtos, os quais são gatilhos para violências do pai. Ela contou que já apanhou do pai pois estava usando uma bota que fazia barulho tipo “poc poc”, e isso ele não aceitava porque “é coisa de mulher que quer atrair macho, coisa de puta”. Ele não a aceita como mulher, e exige que ela seja mais “discreta” para que sua feminilidade passe despercebida. Os irmãos a colocam no lugar de cuidadora dos pais, já que ela não possui uma fonte de renda. Dizem que desta forma, pelo menos ela possui alguma “utilidade” para a família. Bianca* foi embora. Cerca de 5 minutos depois, voltou para me contar que estava andando do outro lado da rua, quando um cara falou pra ela: “Tá com frio, puta?”. Nesse momento eu estava sentada desenhando pessoas que passavam. (Caderninho 3, pág. 1).

Guilhermina é minha ex-namorada. Ela é chamada pelas pessoas que a conhecem de “mulher de luta”. Ela trabalha em um sindicato, e dedica sua vida à militância LGBTQIAP+, feminista e de esquerda. Ela já passou por situações de violência, mas faz questão de não ser definida por isso. O que a define é sua trajetória de luta. Ela se fortalece na companhia de outras mulheres, em especial mulheres que amam outras mulheres. Dentro do seu sindicato, ela compõe o Núcleo de Gênero e Raça. Ela faz parte da Marcha Mundial das Mulheres e da Rede LésBi de ativistas e pesquisadoras. É uma das fundadoras da Coletiva de Visibilidade Lésbica de Florianópolis - Mudiá. Formada em biblioteconomia,

ela coleciona e arquiva cartazes dos congressos e encontros da militância, e produz colagens, painéis e varais para expor nas datas importantes para a luta da comunidade LGBTQIAP+. Fomos convidadas a expor em um mesmo festival de cultura LGBTQIAP+, "Viada Cultural", na divulgação do qual descreveram seu trabalho da seguinte forma: "Através da arte muralista, informa, manifesta e resgata as histórias do movimento feminista e LGBTQIAP+". (Caderninho 2, pág. 20)

Flávia* me contou que tinha um pai e um avô violentos. Quando era criança, certa vez, ela e a mãe apanharam do avô, e quando ela foi para a escola, não conseguia sentar na cadeira pois sentia muita dor ao sentar. Sua professora mandava que ela se sentasse, e ela permanecia em pé ao lado da carteira, de cabeça baixa, sem falar nada. A professora brigava com ela pela desobediência, quando o irmão, que estudava na mesma sala, se levantou e cochichou no ouvido da professora, contando o ocorrido. A escola acionou as autoridades competentes, e o avô foi preso. Flávia disse que a cena do avô sendo levado algemado foi muito forte para ela, e ficou muito feliz. Mas a felicidade durou pouco, pois o avô pagou fiança, e foi solto no dia seguinte. Os homens da família condenaram e rechaçaram Flávia pela humilhação que "ela fez o avô passar". Ela disse: "eles me odeiam até hoje, depois de adulta". Flávia, então, me contou que estava a caminho do centro de testagem para COVID pois acabava de receber a notícia de que uma amiga com quem teve contato tinha testado positivo. Achei melhor encerrar nossa conversa naquele momento. Ela estava sem máscara. Falei que seria melhor ela ficar de máscara para não transmitir o vírus para as outras pessoas, mas ela seguiu em frente sem usar. (Caderninho 2, pág. 17)

Vera*, olhando um autorretrato meu, falou: "**ela é uma mulher negra?** Ah, não, tem marquinha de biquíni aqui, ela está bronzada". Perguntei se ela me lia como mulher branca, ela disse que sim. Isso ainda me surpreende pois cresci em Blumenau, sendo sempre considerada a única "preta" nos espaços que eu frequentava. Todos me chamavam de "preta". "Preta suja", "preta nojenta", "preta burra", "preta idiota"... Era comum ser excluída dos espaços pela cor da minha pele, diziam coisas como "não encoste em mim, sua macaca! Não sente aí, você vai sujar o banco de bosta, e ninguém mais vai poder sentar". Minha própria avó, por parte de pai, orgulhosa de sua descendência italiana, falava para as amigas do bairro, quando saíamos juntas, que ela tinha uma neta pretinha, fazer o quê, ela não tinha escolha, mas que tudo bem, que eu era boazinha, que ela gostava de mim mesmo assim. As amigas do bairro tiravam sarro da minha cor, e minha avó me incentivava a passar talco no corpo, antes de sairmos de casa, para "dar uma clareada". Eu achava aquele comportamento normal, pois ouvia minha mãe contando sobre o que passava no seu ambiente de trabalho. Minha mãe tem a mesma cor da minha pele, a qual é fruto de descendência indígena. Apesar de crescer com esse tipo de preconceito, preciso reforçar o que disse Alessandra Devusky, que "não conheço o fardo do racismo que uma pessoa negra de pele escura sofreu na sua vida". A vida inteira ouvia da família que minha avó materna era "bugra". Faz pouco tempo que aprendi que esse é um termo ofensivo, e que o correto é dizer "pessoa indígena". Houve um apagamento da história dessa avó materna, não

sabemos nada sobre ela, só sabemos que ela “veio de uma aldeia”. Ela morreu quando eu tinha 10 anos, depois de passar vários anos acamada e sem se comunicar devido às doenças de Alzheimer e AVC.

Tanto a **família** por parte do meu pai, quanto a família por parte da minha mãe eram muito pobres, trabalhavam na roça, e vieram para Blumenau no processo de êxodo rural, buscando trabalho e moradia dignos. Minha mãe trabalhou de empregada doméstica desde os 12 anos de idade, e via na mudança para Blumenau, uma oportunidade para estudar e conseguir melhores condições de trabalho. Meu pai conta que, quando criança, a família não tinha condições de comprar sapatos para os filhos, e eles iam para a escola descalços, mesmo em dias de geada. Pai e mãe tinham o sonho de cursar ensino superior. Depois de muita luta, se formaram Bacharéis em Direito pela FURB, depois de casados, enquanto trabalhavam e criavam duas filhas pequenas. Ambos são as únicas pessoas de suas famílias a fazer um curso superior. Me sinto muito privilegiada por estar aqui, nesta universidade pública, ocupando esse lugar. Minha conclusão desse curso é um sonho, tanto para mim, quanto para eles.

Nem sempre consegui desenhar durante o exercício da escuta. Às vezes me sentia muito tocada pelo relato, e achava mais importante que a pessoa tivesse minha total atenção, ao invés de eu estar ali, preocupada com o caderninho. As histórias que ouvi eram muito tristes e emocionantes. TODAS as mulheres que eu entrevistei nas saídas pelo Centro, bem como, quando conversei sobre isso com minhas amigas e familiares, TODAS já haviam passado por algum tipo de assédio, violência, estupro. Nenhuma chegou na vida adulta ilesa. Esses relatos não saem da minha cabeça, eu comecei a sonhar com essas mulheres, essas histórias, esses desenhos. Meio sem perceber, sem planejar, extrapolei a escala do caderninho, e comecei a extravasar essas histórias para folhas de papel tamanho A3. Não estava fazendo desenhos figurativos, apenas abstrações com nanquim vermelho e preto. Para mim, esse vermelho simboliza essa dor que não é só minha, é uma dor coletiva, de tantas outras mulheres. Esse vermelho inunda nossos caminhos, nossas cidades, nossos trajetos. Não tem como se sentir segura e livre para caminhar na rua, ocupar o espaço público. Comecei essas experimentações com nanquim na minha casa, e logo decidi usar esses exercícios para ocupar a rua. Sob a co-orientação de Gabriel Villas, passei a utilizar canetinhas “Posca”, que eram mais práticas para desenhar na rua sem necessidade do potinho de água. Mas nunca abandonei o nanquim, devido a sua expressividade e preço acessível. A Posca acaba rapidinho...

Eu estava andando pela rua **General Bittencourt**. Quando cheguei na esquina com a Av. Hercílio Luz, parei pra desenhar. Achei bonita a pequena faixa de luz que estava passando pelas árvores, e chegando em um casal que conversava no meio do calçadão. Primeiro, parou um cara na minha frente, muito perto do meu rosto, invadindo meu espaço pessoal (ainda durante a pandemia, e sem usar máscara), parou com o rosto, literalmente, sobre meu caderninho e falou: “Que isso? Ah, tá desenhando”. E foi embora. Me senti bastante incomodada, mas continuei, queria acabar meu desenho. Poucos minutos se passaram, outro cara me chamou. Resolvi não olhar, queria terminar o meu desenho, e não queria conversar com nenhum cara. Ele me chamou de “puta”, e foi embora. Fiquei aliviada por ele ter ido embora, mas não consegui terminar aquele desenho. Me senti intimidada e invadida, sem vontade nenhuma de terminar o desenho.

A **figura do flâneur**, que surge com destaque na escrita de Charles Baudelaire, é um cavalheiro como de um “espectador apaixonado” da cidade, que busca “tornar-se unir-se à carne da multidão”, no centro da ação e ainda assim invisível. (...) **O flâneur poderia ser uma mulher?** As escritoras urbanas feministas se dividem aqui. Para aqueles que rejeitam a ideia, as mulheres nunca podem se esconder totalmente na invisibilidade, porque seu gênero as marca como objetos do olhar masculino. Outros dizem que o flâneur feminino sempre existiu. Kern, Leslie. Chamando-a de flâneuse, esses escritores apontam para exemplos como Virginia Woolf. (...) Em seu diário, **Virginia Woolf** escreveu “andar sozinha em Londres é o maior descanso”, o que implica que ela encontrou uma medida de paz e de distanciamento entre as multidões cada vez maiores. (Kern, Leslie. Cidade feminista, p. 25).

Durante minhas práticas de derivas pelo centro de Florianópolis, **nunca consegui me sentir uma flâneuse**. Sempre me senti observada e importunada por homens. Segui com a prática das derivas, mas demorei pra me sentir confortável para desenhar novamente. Depois de muito refletir sobre isso, e lembrar daquelas mulheres do segundo grupo de respostas no curso do “Bloco B”, mulheres de luta, que não desistem de ocupar o espaço público, ao contrário, lutam por ele, resolvi iniciar uma prática de parar no meio das derivas, em algum lugar que me despertasse interesse, para fazer **desenhos de permanência/resistência**. Trata-se de resistir no espaço público através do desenho, independente de qualquer importunação. Comecei com os mesmos caderninhos tamanho A6. Para esses desenhos, mais demorados, me permiti experimentar com tinta nanquim. Levava um pincel, um potinho com água, uma toalhinha e tintas preta e vermelha. Com o tempo, senti necessidade de aumentar a escala, então comecei a levar um caderno A5, depois comecei a levar um bloco A4, e depois aumentei para um bloco tamanho A3, todos de folhas 300g para suportar melhor o nanquim. Sentava no chão, ou em algum degrau, quando possível, ocupava algum banco. Gostei muito de ocupar as mesas de xadrez. Usava uma folha de **papel kraft para não manchar a mesa de tinta**.

Decidi que o mais importante nesse exercício seria a **permanência**, não o resultado final. Às vezes precisava sair do local antes que a tinta pudesse secar, e as folhas acabavam colando uma na outra. Outras vezes eu era interrompida por algum cara, que mesmo eu dizendo que não queria conversar, não me deixava em paz até que, por medo dele, eu decidisse ir embora daquele local. Eram desenhos inacabados, os quais eu tentava continuar em outro local, na mesma deriva. Algumas vezes consegui contornar as situações incômodas, e permaneci no local desenhando mais de uma folha, e deixando que secassem. Quando eu conseguia permanecer no local por mais de 5, 10 minutos, eu gostava de fazer essa prática da seguinte maneira: com o nanquim preto, pintava no caderninho A6. Enquanto esse caderninho secava, pintava no caderninho A5. Enquanto esse caderninho secava do lado do outro, pintava no bloco A4. Enquanto esses secavam, pintava no bloco A3. Então, voltava para o caderninho A6, e adicionava mais uma camada, em seguida ia adicionando mais uma camada nos outros, tanto quanto possível, até que algum cara aparecia e interrompia meu exercício. Meu objetivo era permanecer ali, independente das interrupções. Depois das camadas em preto, começava a acrescentar as camadas em vermelho. Nunca consegui fazer as camadas em preto e vermelho no mesmo local.

Todas as vezes que parei ou sentei para desenhar ou pintar, fui abordada por homens (performando cisheteronormatividade). Nunca aconteceu nenhuma abordagem por mulheres ou pessoas LGBTQIAP+... Nunca ficou mais fácil. Sempre me senti muito incomodada, invadida e chateada com as abordagens. Persisti porque queria reivindicar o meu espaço, o meu direito de estar ali. Nunca foi uma conversa legal. Por que os homens se sentem no direito de me abordar para saber o que estou fazendo? Por que não posso estar na rua, fazendo o que eu quiser, sem dar satisfação pra eles? Afinal, a rua é do homem cis-hétero? Não faço recorte de raça nesse questionamento, pois o fato de homens negros sofrerem opressões de raça não os impede de fazer opressões de gênero. Foi isso que observei na minha prática.

A **função social do medo das mulheres é controlá-las**. O medo restringe a vida das mulheres. Limita nosso uso dos espaços públicos, molda nossas escolhas sobre trabalho e outras oportunidades econômicas e nos mantém, no que talvez seja um paradoxo real, dependentes dos homens como nossos protetores. Tudo isso serve **para sustentar um sistema capitalista heteropatriarcal**, em que as mulheres são ligadas ao espaço privado do lar e responsáveis pelo trabalho doméstico dentro da instituição da família nuclear. É um sistema que beneficia os homens como um grupo e mantém o status quo de uma forma muito eficaz. (Kern, Leslie. Cidade feminista, p. 97).

Este TCC fala muito de incômodos e medos, mas afinal, dentre esses lugares percorridos, algum deles trouxe tranquilidade e acolhimento? Sim. Eu, uma mulher LGBTQIAP+, me sinto confortável e acolhida no Centro-Leste, especialmente na La Kahlo Bodega Feminista. É um privilégio ser vizinha de uma Bodega Feminista. É um lugar que se posiciona. Exibe com orgulho suas bandeiras LGBTQIAP+. Em exibição, também, cartazes informando que “esta é uma Bodega Feminista”, e que situações de assédio não serão toleradas. Já presenciei diversas vezes a união das mulheres da Bodega para defender alguma mana sofrendo violência.

Mas então quer dizer que os meus desenhos são **arteterapia**? E o que isso tem a ver com a arquitetura? Não sei. Não pesquisei o suficiente sobre essas duas coisas relacionadas. É algo sobre o qual ainda preciso fazer. Só sei que foi no curso de arquitetura, em “P zero” que aprendi a fazer meu próprio caderninho, e com a professora Alina aprendi a carregar o caderninho comigo para todos os lugares que eu ia. Mais tarde, procurando contornar as crises de pânico na rua, passei a usar o caderninho como uma ferramenta para permanecer no espaço público, e não voltar correndo pra casa. Como falei no relato da Regiane*, os desenhos desses caderninhos acabaram virando prints e zines, com os quais participei de feiras, expus e saí vendendo à noite, pelas mesas dos bares, na Av. Hercílio Luz e Rua Victor Meirelles, em busca do público LGBTQIAP+ e mulheres frequentadores desse espaço.

Esses desenhos realizados na rua tratam sobre SENTIR. Como me senti no espaço público? Me senti mal. Senti que não pertencia ali. Muitas vezes desisti de estar ali. Mas tento sempre lembrar das mulheres de luta, as quais reivindicam seu direito à cidade através de união com outras mulheres e muita luta coletiva. Sinto a urgência de união com outras mulheres e pessoas LGBTQIAP+, o que pretendo alcançar através da aproximação com os seguintes coletivos:

- COMBI-SC - Coletivos de Mulheres Bissexuais de Santa Catarina;
- Frente Bissexual Brasileira;
- Coletivo Valente - Coletivo de Mulheres Feministas do Judiciário (onde eu trabalho);
- Marcha Mundial das Mulheres - SC;
- Frente Feminista 8M Brasil - SC;

A minha ideia era encerrar este TCC com um projeto de uma **oficina** que aconteceria na Bodega **La Kahlo**, onde ocuparíamos o calçadão da Av. Hercílio Luz desenhando nossas narrativas de incômodo e pintando latas de tintas vazias, as quais ficariam armazenadas sob os cuidados da La Kahlo, para servirem como tambores em passeatas e manifestações. Isso já estava acordado com a Juliana, responsável pela La Kahlo. O painel impresso para a banca final seria exposto na Av. Hercílio Luz entre duas árvores em frente à La Kahlo. Ao final da oficina, sairíamos à deriva para deixarmos intervenções pelo Centro de Florianópolis. Trata-se de pequenos recados nossos pela cidade, algo desses meus cadernos, algo que surgisse na hora. acompanhados de tinta vermelha. Mas venho através desta informar que a Bodega La Kahlo está com os dias contados. Juliana me informou que a proprietária do imóvel pediu que ela desocupasse o mesmo. Então o futuro é incerto. Com certeza vou espalhar recados pela cidade. Sozinha, ok. Mas com outras companheiras seria melhor. Vou compartilhar o processo em uma conta no Instagram, sob o @narrativasdeincomodo. O fechamento da Bodega La Kahlo é uma grande perda para a comunidade LGBTQIAP+ de Florianópolis.

Sobre a tinta vermelha: quando fazia desenhos de permanência, sempre cuidei para não “sujar a cidade de tinta”. Utilizava papel kraft para proteger as superfícies... Quando pintava com nanquim, diversas vezes voltava pra casa com as mãos pintadas de vermelho,

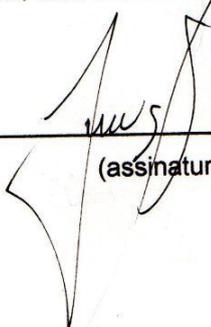
e percebi que isso alarmou algumas pessoas (no caso, mulheres), que num primeiro olhar, acharam que eu estava machucada. Acho que podemos tirar proveito desse “chamar a atenção” que o vermelho traz, e acompanhar manchas vermelhas com recados deixamos pela cidade. Relatos, incômodos, indignações e convites para que outras mulheres e pessoas LGBTQIAP+ procurem se unir “entre os seus” para construírem redes de apoio e lutar para mudar a sociedade em que vivemos.

“Mudar o mundo e mudar a vida das mulheres em um só movimento. Igualdade para todas. Fortalecimento de espaços coletivos das mulheres: populares, autônomos e diversos. Ações com criatividade para enfrentar o capitalismo patriarcal, racista e lesbobifóbico. Construção de alianças com os movimentos sociais em luta para transformar o mundo. Vincular o trabalho permanente em âmbito local com os temas e processos globais. Solidariedade e internacionalismo. São estas as principais características que levaram à construção da Marcha Mundial das Mulheres como um movimento permanente no Brasil e em todo o mundo.” (Marcha Mundial das Mulheres, 2022).

Com afeto,
Heloísa

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E NOME

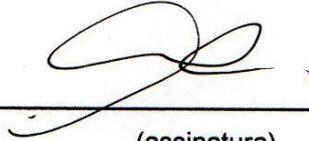
Eu, Maria Guilhermina Cunha Salasario,
CPF 550.592.609-68 autorizo o uso de minha imagem e nome,
através de desenho e texto gerado na entrevista, para o Trabalho de Conclusão de
Curso "Narrativas de Incômodo" de Heloísa Lazaretti Fernandes, e seus usos em
website e materiais impressos, sem fins comerciais e lucrativos.



(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E NOME

Eu, Odisonedo de Paulo Pereira,
CPF 16829703883 autorizo o uso de minha imagem e nome,
através de desenho e texto gerado na entrevista, para o Trabalho de Conclusão de
Curso "Narrativas de Incômodo" de Heloísa Lazaretti Fernandes, e seus usos em
website e materiais impressos, sem fins comerciais e lucrativos.



(assinatura)

Referências

CALIÓ, S. Relações de Gênero na Cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, p.50, 1991.

Camargo, Gabriel Villas Boas. Aproximação, intersecção, reverberação: habitando e construindo narrativas pelas espacialidades do comércio de rua. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas / Comissão Interamericana de Direitos Humanos. v. ; cm. (OAS. Documentos Oficiais ; OEA/Ser.LV/II. Doc. 36/15 Rev.1.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

DUMONT, Monique; FRANKEN, Elisabeth. Et si la ville était à nous.. aussi. In: Les Cahiers du GRIF, n. 19. Hors de chez nous femmes et ville, p. 44-62, 1977.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. 460 p. Tradução: coletivo Sycorax.

FRANÇA, Cláudia. Estratégias para não se perder na cidade: derivas urbanas de Sophie Calle. Disponível em <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae17_claudia_franca.pdf> Acesso: Março 2021.

GHISLENI, Camilla; DELAQUA, Victor. Como a perspectiva de gênero pode impactar o futuro urbano? Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/955810/como-a-perspectiva-de-genero-pode-impactar-o-futuro-urbano>> Acesso em 20 Mar 2021.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HARKOT, Marina Kohler. A Bicicleta e as Mulheres. Mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003.

Jacques, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador : EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf> Acesso em 03 Set. 2021.

Kern, Leslie. Cidade feminista : a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens; [tradução de] Thereza Roque da Motta. – Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2021. 255 p.

Marcha Mundial das Mulheres. Quem somos? Disponível em <<https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/a-marcha/quem-somos/>> Acessado em 07/07/2022.

MONTANER, Josep Maria; **MUXÍ, Zaida**. A Cidade Próxima. Arquitetura e Política: Ensaios para mundos alternativos. Editoria Gustavo Gilli, 2014.

Müller, Cristina Besen. Cidade para quem? O centro de Florianópolis e a população LGBT. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

PEDROTTI, Gabriel Santiago. Direito à Cidade LGBTI+: A política do estar e aparecer em público. Disponível em <<https://laboratoriodacidade.org/2022/06/01/direito-a-cidade-lgbti-a-politica-do-estar-e-aparecer-em-publico/>> Acesso em Junho 2022.

RIBEIRO, Djamila. Quem Tem Medo do Feminismo Negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROMÃO, Jeruse. Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Jeruse Romão - Florianópolis : Cais, 202. 312p.

SÁEZ, Juanjo. A Arte: conversas imaginárias com minha mãe / Juanjo Sáez ; tradução Monica Stahel - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SANTORO, Paula Freire. Gênero e planejamento territorial: uma aproximação. In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu- MG, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

SANTORO, Paula Freire. Oficina **Vem por aqui**: criando espaços mais seguros para mulheres. In: Bloco B Escola, parceria com CAU/SC. Encontro Virtual, 2020.

SANTOS, Dandara Manoela dos. Retrato Falado e a mulher negra no Brasil: Uma reflexão sobre a relação entre o singular e o universal. Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

Schenkel, Joice Fernanda Soares. **Olga: entre sentidos, corpos e espaço**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, Júlia Miola. Ilha das bruxas: gênero, cidade e ocupação feminina. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOUZA, Duda Porto de. Extraordinárias : mulheres que revolucionaram o Brasil / Duda Porto de Souza, Aryane Cararo - 1ª ed. - São Paulo : Seguinte, 2017.

VALENTINE, Gill. The Geography of Women's Fear. *Area*, v. 21, n. 4 : p. 384-390, dez. 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20000063> . Acesso em 05 set. 2021.

Wagner, Maria Eduarda. A mulher e o Centro de Florianópolis: explorando a vivência feminina no espaço público além do horário comercial. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.